

## Lembrando Lísias

*Maria Helena Villas Bôas Concone\**

Escrever um artigo sobre Lísias Nogueira Negrão me colocou de saída alguns problemas de escolha e muita hesitação: não é fácil resumir tantos anos de convivência, amizade e trabalho. Pensei se deveria me debruçar sobre as suas obras, pelo menos aquelas relacionadas ao nosso interesse comum – o estudo sócio-antropológico de religiões - ou algo mais pessoal trazendo memórias de trabalho e pesquisas-conjuntas? Finalmente resolvi começar pelo segundo ponto, alinhavando também alguns dos trabalhos, escritos a quatro mãos ou exclusivos do sociólogo. Se foi uma boa escolha e se foi bem realizada, só a leitura alheia dirá. Este é um artigo feito com a memória e o coração, não se espere uma exegese bibliográfica. Datas, salvo da pesquisa, são aproximadas.

Conheci Lísias nos idos de 1980. Eu havia defendido Tese sobre a Umbanda (*Umbanda, uma Religião Brasileira*, orientada pelo saudoso Dr. Ruy A. Coelho) poucos anos antes e Lísias me fez dois convites que repercutiram na minha vida, pessoal e profissional: o primeiro foi de me associar ao Centro de Estudos da Religião (CER) que era dirigido na época por Duglas Teixeira Monteiro; o segundo foi para expor o trabalho da Tese em uma reunião com alguns membros do CER a se realizar na Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Fiquei feliz de aceitar ambos, embora inegavelmente um tanto ansiosa com o segundo... Mas estes eventos deram início a uma parceria das mais proveitosas. Parceria e amizade. Duas palavras sobre o CER: era um Centro que embora sediado na USP não era parte de sua estrutura, reunia professores e pesquisadores de diversas Universidades que tinham em comum o interesse pelo estudo de religiões; a manutenção do Centro se fazia por meio da associação dos interessados que pagavam uma taxa mensal. Fundado por Duglas, um dos professores envolvidos com a formação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), fez do CER um associado da primeira hora. Até aquele momento e por mais alguns anos o CER mantinha, juntamente com

---

\* Professora Titular do Departamento de Antropologia da PUCSP. Professora Doutora nos Programas de Estudos Pós Graduaados em Ciências Sociais e no de Gerontologia da PUCSP. E-mail: [mhconcone@yahoo.com.br](mailto:mhconcone@yahoo.com.br)

o Instituto de Estudos da Religião (ISER), a *Revista Religião e Sociedade*.

Depois da aproximação resolvemos montar um projeto-conjunto envolvendo um dos nossos interesses comuns. Assim, o primeiro projeto que articulamos juntos, Lísias, Liana Trindade e eu mesma, foi uma proposta de resgatar a história da Umbanda na cidade de São Paulo.

Lísias costumava brincar com o lugar da Umbanda nas nossas representações, especialmente entre nós, pesquisadores acadêmicos; como dizia, haveria uma “nagozização” do imaginário que dificultaria o entendimento de outras manifestações de ascendência afrobrasileira e popular, sem referi-las à influência, ou mesmo à origem, Nagô. Por outras palavras, a cultura nagô parecia estar na origem de todas aquelas manifestações, influência de outros grupos culturais como Bantu, dificilmente eram reconhecidas. Era inegável o encantamento de estudiosos com o Candomblé, especialmente os da Bahia e a manifesta depreciação da Umbanda menos glamurosa e extremamente sincretizada. Sincretismo parecia definir uma espécie de “pecado original”. De fato, até, pelo menos, meados do século XX, os estudos contrapunham sincretismo (misturas mais ou menos incoerentes e abertas) e “pureza” (fidelidade às origens). O Candomblé era visto como o exemplo melhor de “pureza” e como uma “verdadeira religião”, ao passo que a Umbanda era percebida como uma “degeneração mágica”, ponto de vista do grande pesquisador francês Roger Bastide. O pouco interesse acadêmico pela Umbanda poderia ter aí uma motivação. Havia, na época, um outro hiato nos nossos estudos sobre a Umbanda: sabia-se muito pouco sobre ela em São Paulo. Ela aparecia como um fenômeno derivado do seu surgimento no estado do Rio de Janeiro. Eram preciosas as investigações de pesquisadores daquele Estado, especialmente os antropólogos da UFRJ e do ISER (Instituto de Estudos da Religião), sobre a religiosidade popular e a Umbanda. Destaque especial nos anos 80 merece Diana Brown que recuperou a história de um centro de Umbanda em Niterói dirigida por Zelio de Moraes. Essa Casa e seu mentor religioso ocupam até hoje lugar privilegiado entre alguns adeptos e estudiosos, como verdadeiro lugar de origem e seu herói fundador. Sem negar o valor da pesquisa tenho dúvidas sobre essa origem pontual, dada a heterogeneidade da Umbanda e as muitas e diversas manifestações.

São Paulo? Praticamente nada. Assim, nossa proposta foi de mapear,

datar, pesquisar essa religião na capital paulista. Incluir o interior e o litoral do Estado, que também se mostraram importantes para a constituição da Umbanda, estava além da proposta, ficaria para outro momento ou outros pesquisadores. Assim, as eventuais referências a outras cidades (como Santos, Itu, Campinas, Sorocaba, entre outras) foram resultado de informações de jornais ou da pesquisa com as Federações.

Lísias, do Departamento de Sociologia da USP, Liana Sálvia Trindade do Departamento de Antropologia também da USP e eu mesma do Departamento de Antropologia da PUC-SP, fizemos um projeto de pesquisa que foi aprovado pela FAPESP. Chamamos ao projeto, A Umbanda em São Paulo. Memória e Atualidade.

Iniciamos em 1982 pelos Cartórios de Registro da cidade para levantar, como dizia Lísias, a data de nascimento dos terreiros paulistanos; entretanto, nos registros, diversamente datados, não havia informação sobre a continuidade ou não, das Casas ou Terreiros encontradas. “Registro de nascimento, mas não de óbito”, dizia Lísias. Mesmo assim as informações foram preciosas.

Tínhamos datas de registro, nomes escolhidos pelos fundadores para chamar tais espaços (Casas, Tendas, Templos, Terreiros etc.) em momentos diferentes da História Brasileira geral ou local, além do nome dos chefes das Casas e evidentemente também dos Guias ou Entidades chamadas a batizar o local e protegê-lo. Como eram obrigados a registrar os Terreiros ou Casas de culto como associações em Cartórios de Registro Civil, seus fundadores deviam apresentar Estatutos e organização da Diretoria (Presidente, Vice, Secretário e o que mais houvesse). O apoio da FAPESP nos permitiu ter alguns alunos da PUC-SP e da USP para ajudar no levantamento trabalhoso. Às vezes eu mergulhava naqueles registros lendo minuciosamente e anotando dados extras – além do roteiro simples por nós estabelecido. Era tentador ler linhas e entrelinhas. Lísias, com sua forma prática e eficiente de trabalhar, me chamava a atenção: o campo era vasto mas não o nosso cronograma de trabalho, nem a verba (que foi praticamente consumida nessa primeira etapa da pesquisa). Rapidez e eficiência eram as nossas direções, sem muitos voos imaginativos; mesmo assim, lidar com as pastas e envelopes frequentemente cheios de pó e fora de ordem, nos obrigava a dar um certo tempo para alguma organização nas prateleiras (entre espirros e fungadas). Foi um tempo rico em experiência e revelador do modo de trabalhar de Lísias que capitaneava o trabalho de campo com eficiência e bom senso.

Coligidos os dados dos cartórios, nos sentávamos para analisá-los e dividir tarefas específicas e as atribuições dos auxiliares. As informações organizadas nos permitiram desenhar um primeiro quadro com os anos de fundação (de fato, os anos de registro), o número de Casas registradas em cada ano, suas localizações e nomes de batismo. Depois da primeira tabulação por ano de registro, optou-se por construir períodos. Novos quadros detalhados foram sendo feitos a partir da primeira organização. As denominações, por exemplo, puderam ser posteriormente cruzadas com os períodos da fundação esclarecendo os contornos da religião e seus movimentos durante cerca de 60 anos (de 1926 a 1986). Também a escolha dos patronos das Casas foi vista por períodos. Assim, à preferência por nomes de Pretos Velhos ou Pretas Velhas, segue-se a preferência pelos Caboclos ou Caboclas. Tais nomes de batismo de Casas podiam referir-se a uma única categoria de entidades (chamo categoria coortes de entidades do mesmo “tipo”: Pretos Velhos, Caboclos, Boiadeiros, Baianos, Pombas-Gira e assim por diante), tomando aí uma figura específica de devoção da Casa (alguns poucos exemplos: Pai João, Tia Maria, Vó Maria Conga, dentre os Pretos Velhos. Caboclo Cobra Coral, Cabocla Jandira, Seu Pena de Fogo, dentre os Caboclos). Encontramos também Casas que traziam dois nomes, isto é duas entidades protetoras, além de muitos outros nomes referidos a Santos, a Orixás, e assim por diante. A imensa diversidade do campo umbandista já se anuncia nos dados de cartório. A história local e o movimento das migrações internas e externas, as mudanças no perfil (social, religioso e étnico) da população paulistana podia ser percebida nas escolhas, bem como a marca do catolicismo popular, a inegável aproximação com o Espiritismo brasileiro, bem como, no correr dos anos, as referências ao Candomblé. Por outras palavras, a Umbanda contava a sua história e a história brasileira a seu modo; através dos personagens que incorporava, construía a sua própria história, seus movimentos internos e seus esforços em busca de legitimação. No seu conjunto revelava a heterogeneidade do campo umbandista e dos seus processos de sincretização (nos quais a trajetória religiosa dos então chamados, Pais e Mães de Santo era incorporada à sua Casa. Há na Umbanda um certo toque que mais tarde chamei de autoral). Encontrar entre as numerosas imagens acolhidas nos Terreiros. Figuras de Buda não era raro.

Também em 1982, dando continuidade ao trabalho, mapeamos Federações e entrevistamos nomes expressivos da Umbanda. Uma das

entrevistas marcada com um chefe de Terreiro na Mooca foi particularmente interessante e reveladora, não pelo conteúdo mas pelo seu desenvolvimento. Ao chegarmos, Lísias e eu, no prédio onde funcionava uma Federação, estavam nos aguardando 3 ou 4 umbandistas e não apenas aquele com o qual havíamos falado por telefone. Foi, se posso dizer assim, o nosso verdadeiro encontro com a Memória, isto é, com os modos de construir relatos de memória. Os entrevistados não entravam num acordo sobre o que deveria ser levado em conta numa história da sua religião. Queríamos, talvez ingenuamente, lembranças relacionadas ao surgimento em São Paulo e às pessoas significativas. Um dos entrevistados parecia disposto a recorrer às suas lembranças, que eram corrigidas por outro e finalmente um deles proclamava com veemência que “não interessava o passado da Umbanda, mas aquilo que ela queria ser”. A história não deveria se construída de lembranças, portanto retrospectiva, mas devia ter um olhar prospectivo: o vir a ser desejado. Conto este caso apenas como exemplo do muito que se aprende e que se apanha em atividades de pesquisa. Fizemos várias outras entrevistas. Talvez a mais interessante nesse conjunto tenha sido a entrevista (de fato, as entrevistas, dado que foram muitos dias de conversa) realizada com o decano umbandista Pai Jaú. A entrevista foi realizada como trabalho de iniciação científica de Marisa Ricciteli Santana, minha aluna da PUC-SP agraciada com bolsa pela FAPESP. Foi outro momento de aprendizagem do trabalho com relatos de memória: nem sempre o interesse do pesquisador coincide com os interesses de quem conta sua história. Os relatos são seletivos e fruto de interpretações pessoais. Pai Jaú (que levou para a Umbanda o apelido Jaú que ganhou nos campos de futebol), falou longamente da sua experiência como jogador, foi só no segundo ou terceiro encontro que a Umbanda foi contemplada. Falou também de manifestações de espíritos protetores e também alguns perturbadores, quando ainda era um menino morador da Barra Funda. Não deu nenhum nome a essas experiências, mas não eram apenas pessoais, eram compartilhadas pela família. O seu relato merece ser lembrado, mas por ora, só vou me referir à importância por ele atribuída a Cavalcanti Bandeira, baiano, médico, da marinha mercante e morador do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro. Segundo Pai Jaú, Cavalcanti Bandeira teria sido o responsável pela adoção do nome Umbanda, substituindo-se a Macumba, nome bastante estigmatizado. Este fato teria ocorrido em reunião de vários adeptos na cidade do Rio. Pelo menos dois Congressos Umbandistas foram realizados naquela cidade.

Outro encontro memorável foi com o Pai Abrão que tinha um Terreiro em Santa Cecília. Pai Abrão, judeu declarado e com envolvimento na política (como eleito ou como candidato), contava seu envolvimento nesses dois campos, declarando dramaticamente: “Então coube mais uma vez a este judeu, defender a Umbanda!”.

Um pequeno desvio nessa narrativa para falar de uma entrevista pelo menos dez anos mais antiga. Tive o prazer e a sorte de entrevistar Cavalcanti Bandeira em sua casa no Rio, quando escrevia a Tese de Doutorado. Isso foi em 1969, data inesquecível, porque foi o ano do nascimento da minha primeira filha. Fizemos uma viagem de carro cheia de incidentes, meu marido, eu e minha gravidez de uns sete meses: na ida, ainda nas proximidades de São José dos Campos, nosso carro foi atingido por uma pedra que acabou com o vidro da frente; perdemos cerca de duas horas para conseguir outro parabrisa. Em seguida foi a chuva diluviana que nos pegou na altura de Rezende, descobrimos que o acidente anterior havia arruinado o motor dos limpadores de parabrisa. Outra parada num posto para tentar resolver o problema. O reparo resistiu, se tanto, meia hora sob o dilúvio, menos que o tempo que levamos para o suposto conserto. Chegamos ao Rio já bem tarde da noite, encharcados, porque os limpadores faziam só meio caminho e precisavam ser empurrados de volta manualmente pela janela aberta. Tarefa realizada bravamente pelo Cesar, marido e companheiro de aventura. Dia seguinte, a questão prioritária era encontrar uma mecânica e então localizar o Dr. Bandeira, pois da sua residência tínhamos apenas uma vaga indicação feita por um Frei belga, amigo comum. Fomos a uma mecânica no bairro de Copacabana e logo em uma das paredes à direita da entrada vimos um pequeno altar com uma imagem de São Jorge. O mecânico era umbandista e conhecia Cavalcanti Bandeira. Nos deu o telefone para combinarmos a entrevista e depois nos acompanhou até a casa! Casa antiga e sólida com a fachada recoberta de pedras cinza e um jardim acolhedor. Feita a entrevista, o anfitrião nos levou para conhecer seu Terreiro. O quintal da casa se encontrava com um morro e lá em cima ficava o Terreiro do entrevistado, acessível por uma longa escada esculpida na pedra. Foi uma entrevista calorosa e rica em detalhes. Recompensou com juro os percalços da viagem, que de fato não terminaram na ida. Na volta, entramos num Posto para abastecer e enquanto o Cesar saiu para pagar, veio um caminhão de ré e levou a janela do lado do passageiro. A minha! Depois de inúteis buzinas de alerta, só me deu

tempo de escorregar pelo banco (felizmente o banco era contínuo e o câmbio no bloco da direção) e sair pela porta do motorista. Sustos. Voltamos sem janela, com um plástico meio que protegendo do vento e da nova chuva. Uma leitura umbandista provavelmente ressaltaria os obstáculos e a falta de oferenda anterior à viagem para abrir os caminhos. Naquela época, entretanto, eu ainda era verde no assunto.

Introduzi este relato, alheio à pesquisa com Lísias e Liana, para mostrar as surpresas das pesquisas, a necessidade de algum espírito de aventura, a necessidade de companheirismo, de espírito de iniciativa e também do acaso e da sorte. E talvez inconscientemente para mostrar a magia da Umbanda!

Não sei se contei ao Lísias e à Liana essas peripécias. Seria curioso ter ouvido suas considerações, mas não tenho dúvida de que Lísias ressaltaria a maluquice de fazer uma viagem sem uma programação razoavelmente detalhada. Eficiência e organização andavam de mãos dadas com ele, mas nada o desviava do cuidado com as suas duas filhas; como a mãe tinha um trabalho de tempo integral no centro da cidade, ele assumia a tarefa de levar e trazer da Escola, além de outras mais. Também organizava as férias da família, inventava jogos e passatempos, capitaneando a criançada (filhas e sobrinhos). Não se pode negar que ele era considerado por muitos colegas como exigente, mas rígido, característica muitas vezes associada à sua formação protestante; estereótipos graçam em todos os espaços. A busca de explicações, a atribuição de origens, são afinal características antropológicas! Difícil fugir delas.

Mas vamos voltar à pesquisa-conjunta, aos dados coletados em cartórios, em jornais, entrevistas e participação em Giras.

Dividíamos tarefas com bastante autonomia para mergulhar nos nossos interesses, sempre visando ao conjunto. Liana aprofundou sua pesquisa sobre a figura do Exu. Lísias mergulhou nos dados levantados nos Cartórios. Eu mesma decidi explorar outras fontes de memória (além das entrevistas), ou seja, as publicações em jornais. O trabalho-conjunta aparecia nos relatórios encaminhados à FAPESP. Cada um de nós redigia suas “descobertas” e considerações, mas era o Lísias que dava unidade possível aos relatórios. Fazíamos reuniões para apresentação do trabalho realizado, para discussão de autores clássicos (como Durkheim, Mauss, Halbwachs e Weber) e outros contemporâneos como Bourdieu e Bosi. Buscávamos ampliar as nossas

perspectivas disciplinares. Foi uma época feliz, sem competições entre nós, e muito respeito mútuo, cimentaram a amizade e a confiança.

A pesquisa rendeu alguns pontos acadêmicos, Liana aprofundou a reflexão que fazia desde o doutorado sobre a figura dos Exus (que são a representação mais forte do pertencimento da Umbanda a “dois mundos”) publicou o livro *Exu, Símbolo e Função* (tema do doutoramento) como o segundo volume da coleção *Religião e Sociedade/FFLCH-USP*. Eu apresentei uma análise das notícias recolhidas em jornais (100 anos de notícias se estendendo do século XIX até os anos 90 do XX), como trabalho para concurso de Titular do meu Departamento, em 1993 ou 1994. Chamei o trabalho de “A Memória Cristalizada: Lendo jornais.” Esta forma não foi publicada, mas o material foi resumido no artigo “Relendo Jornais: Dialética entre Imagem e Identidade” pp 216 a 245, em *Sociedade Cultura e Política. Ensaios Críticos*, Chaia e Silva organizadores, EDUC, 2004.

Lísias defendeu sua Livre Docência na USP, em 1993 sob o título de “Umbanda e Questão Moral. Formação e Atualidade do Campo Umbandista em São Paulo”. Três anos depois publicou o livro *Entre a Cruz e a Encruzilhada. Formação do campo umbandista em São Paulo* (EDUSP, 1996) versão daquele trabalho. Justifica a mudança do título dizendo: “Creio que *Entre a Cruz e a Encruzilhada* seja mais fiel ao conteúdo do trabalho, pois dá conta da oscilação da Umbanda entre o polo ocidental-cristão e afro-brasileiro que conformam o seu ‘perfil’ (op. cit, pag 11).

No trabalho de Docência, Lísias retomou e organizou os dados da década de 80 e acrescentou novos. Como disse antes, relacionando datas de registro, denominações e nomes de entidades escolhidas para batizar cada local de culto pôde-se perceber os redesenhos da Umbanda. Retomando o minucioso trabalho do sociólogo no livro citado, vê-se que no período que vai de 1929 a 1944 foram encontrados 54 registros e a denominação mais utilizada foi Centro. Lísias organizou uma tabela onde apresentou 12 períodos divididos de três em três anos (salvo o primeiro, mais longo), indo de 1929 a 1989. Nesses sessenta anos as denominações mudaram bastante: a denominação Centro oscilou de 85,3% (1929 a 1944) para 3,3% no último período de 1986 a 1989; em compensação a denominação Tenda passou dos 8,8% no primeiro período para 69,8% no último; a denominação Templo também saiu do patamar de 5,9% para 22,7 % no final do nosso levantamento. Ao todo foram registradas no espaço de tempo considerado

12.847 Casas de Umbanda, sendo que o crescimento notável deu-se a partir de 1967 com o maior número de registros na década de 70. A partir de 1980 os números diminuem paulatinamente, coincidindo com o crescimento cada vez mais forte do campo néo-pentecostal (os adeptos também chamados de crentes). Quanto aos nomes de batismo prevalecem os referidos aos Pretos e Pretas Velhos; de 1960 em diante, predominam os Caboclos. Claro que há combinações, há ainda nomes de Santos (São Jorge e São Benedito parecem ter preferência, sem esquecer As Almas, também relacionadas aos Pretos Velhos); finalmente a adoção de nomes de Orixás para casas de Umbanda inexistentes até então, ganha força a partir de 1960, sem, entretanto, nunca superar os demais nomes escolhidos. De novo é preciso não esquecer o chamado Candomblé de Caboclo que mantém relação próxima com a Umbanda, não sendo Nagô, porém Bantu.

Vê-se que o trabalho de levantamento possibilita uma reflexão aprofundada sobre o universo da Umbanda paulistana.

Lísias e eu também nos debruçamos sobre as relações entre a Umbanda e a Política em São Paulo, Capital. No período da ditadura, com o afastamento da Igreja Católica, a Umbanda passa a ser procurada por governadores paulistas em busca de aprovação popular e religiosa. A leitura de jornais nos ofereceu um quadro precioso. As entrevistas com chefes de Terreiros davam o tom mais pessoal a esta relação. Escrevemos em conjunto um artigo que apresentamos em encontro no Rio com pesquisadores ligados ao ISER. Nosso texto chamado “Umbanda, da repressão à cooptação. Umbanda e política” foi publicado nos Cadernos do ISER, n.º 18. De fato, a cooptação nem sempre era de dupla mão o que revelava um lado pragmático da Umbanda.

Lísias ainda realizou um trabalho no campo do Messianismo junto com Josildeth Gomes Consorte, antropóloga também da PUC-SP. O alvo da pesquisa foi o movimento messiânico no nordeste brasileiro, chamado “Borboletas Azuis”.

Depois da inesperada morte de Duglas Teixeira Monteiro, Lísias assumiu a presidência do CER que passou a ser Centro de Estudos da Religião (CER) Duglas Teixeira Monteiro. Assumiu também o comando do GT Religião e Sociedade, da ANPOCS. Josildeth e eu passamos a compor a diretoria do CER; para falar verdade, estávamos sempre presentes. Houve tempo de muita atividade quando organizávamos eventos, encontros e participávamos ativamente dos encontros do GT Religião e Sociedade na ANPOCS. O grande problema do

CER eram as finanças, as cobranças dos sócios, achávamos, deviam fazer juz às atividades oferecidas, mas organizá-las parecia cada vez mais difícil e mesmo a *Revista Religião e Sociedade* deixou de ser oferecida aos sócios em virtude dos custos. O CER acabou abrindo mão da parceria ficando a Revista só com o ISER.

A última proposta de pesquisa-conjunta foi feita pelo Lísias reunindo alguns dos antigos sócios do CER; a minha participação nessa nova proposta foi apenas episódica. As diversas pesquisas realizadas compuseram um novo livro tendo Lísias como coordenador: “As Novas Tramas do Sagrado. Trajetórias e Multiplicidades” (EDUSP/FAPESP, 2009). Participaram do trabalho o próprio Lísias (Pluralismo, Percursos e Multiplicidades); Josildeth Gomes Consorte (Sincretismo, Anti-Sincretismo e Dupla Pertença em Salvador); Claude Lépine (O Candomblé Africanizado no Campo Religioso de São Paulo. Um Balanço); Geraldo José de Paiva (Processos Psicológicos de Adesão a Novas Religiões Japonesas).

Os encontros do GT Religião e Sociedade aconteciam a cada dois anos e a participação era grande, dificilmente tínhamos menos de 60 pessoas presentes apesar do número cada vez maior de Gts. Lísias coordenou o GT Religião e Sociedade por pelo menos dez anos, quando deixou a função, eu acabei assumindo por outro tanto de anos.

Alguns amargos eventos pessoais também contribuíram para a nossa perda de energia. Nós três do primeiro projeto perdemos filhos em anos próximos. Lísias perdeu sua caçula Thais em 1994, eu perdi minha filha Mariana em 1997, e Liana perdeu seu filho caçula.

Esta foi uma forma um tanto pesada de terminar estes relatos e lembranças, mas são outros tantos aprendizados a serem incorporados. Lísias se recusou a deixar saber da perda da filha, me contou quase como um segredo só para justificar a sua ausência da minha pequena comemoração do concurso para Titular. Não sei como conseguiu carregar um fardo tão pesado sem dividi-lo com ninguém. Mas esse era o Lísias, forte à sua maneira, discreto e avesso a manifestações públicas de sentimento.

Foi-se mais um amigo.

## Referências

- ANPOCS. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.anpocs.com/>
- CER. Centro de Estudos da Religião Douglas Teixeira Monteiro.
- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. *Umbanda, uma Religião Brasileira*. Tese de Doutorado em Antropologia. PUC-SP, 1973. (Orientador: Ruy Galvão de Andrade Coelho).
- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. "Relendo Jornais: Dialética entre Imagem e Identidade". SILVA, Ana Amélia da; & CHAIA, Miguel Wady. (Orgs.). *Sociedade Cultura e Política: Ensaios Críticos*, pp 216 a 245. EDUC, 2004. 625 págs.
- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Umbanda: da repressão à cooptação". *Umbanda & política. Cadernos do Iser*, 18. Rio de Janeiro: Iser e Marco Zero, 1987.
- CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lísias Nogueira. *O Messianismo no Brasil contemporâneo*. Centro de Estudos da Religião, 1973, 428 páginas.
- ISER. Instituto de Estudos da Religião. Rio de Janeiro, RJ. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto\\_de\\_Estudos\\_da\\_Religi%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Estudos_da_Religi%C3%A3o).
- MORAIS, Zelio F. de. Disponível em: <http://cabocla-jurema.webnode.com.br/zelio-de-moraes/>.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada. Formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996. 377 páginas.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Novas tramas do sagrado. Trajetórias e multiplicidades*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2009.
- REVISTA RELIGIÃO E SOCIEDADE. Publicação do Instituto de Estudos da Religião (ISER). versão impressa ISSN 0100-8587. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto\\_de\\_Estudos\\_da\\_Religi%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Estudos_da_Religi%C3%A3o).
- TRINDADE, Liana Maria Salvia. *A Umbanda em São Paulo: Memória e Atualidade*. GTR Religiões. (mimeo), (s/d.).
- TRINDADE, Liana Maria Salvia. *Exu: Símbolo e Função*. Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1980. Orientador: Ruy Galvão de Andrada Coelho.